A construção da figura heroica grega: passado micênico e arcaico.

Breno Coltro da Costa*, Pedro Paulo Abreu Funari.

Resumo

Acessar a mitologia heroica grega a fim de descobrir nela uma história mais remota daquele mesmo povo é um exercício praticado há muito tempo e que requer cuidado. Através do uso de diversas fontes (Ciclo Épico, tragédias, compêndios mitológicos, poesia, etc.) e de discussão bibliográfica, lançamos luz do quanto tais mitos nos ensinam sobre sua sociedade e seus valores culturais, buscando delimitar temporalmente as influências de cada época (micênica, arcaica, clássica).

Palavras-chave:

Mitologia grega, Grécia Antiga, Sociedade Micênica

Introdução

Quem lê o Ciclo Épico pode imaginar estar lendo sobre a Era do Bronze grega e uma realidade de acordo com os núcleos urbanos e políticos da época. Contudo, a saga da Guerra de Troia carrega em seu bojo muito mais características da época em que se consolidou (em torno do século VIII a.C.) do que da época micênica, *i.e.* reflete mais a conjuntura contemporânea da Grécia Arcaica do que daquela do período na qual a narrativa se passa. Dentre nossos objetivos, estavam entrever qual memória os próprios gregos tinham de si e como esta era mobilizada no presente, quais valores veiculavam e, portanto, quais comportamentos deviam ser emulados.

Resultados e Discussão

Para atingirmos nossos fins, utilizamo-nos dos épicos de Homero, de fragmentos do Ciclo Épico perdido, de tragédias de Sófocles e de Eurípedes, dos poemas de Píndaro e das compilações de Apolodoro e de Apolônio. Os épicos são oriundos da tradição oral e consolidam-se pela mesma época em que a escrita do grego antigo se dissemina pelo Egeu. Tal período se enquadra no final do que pode ser chamado por Grécia Arcaica. Sendo ajustado de geração em geração conforme a realidade de seus ouvintes, podemos afirmar que embora haja um substrato mais antigo, as dinâmicas sociais que entrevemos pelo comportamento dos personagens corresponde ao prelúdio da *pólis*.

Desta maneira, sobretudo na Odisseia, o retrato da pirataria e de incursões constantes, a organização da comunidade ao redor do *oikos*, núcleos familiares ao redor dos quais gravitava a vida social e a relação de amizade-hospitalidade *xenia*, elaborada em cima de um sistema de troca de presentes, eram todos partes da sociedade arcaica que ainda apresentava tais mecanismos em seu dia a dia. Viriam a se dissolver na *pólis* quando da supressão das identidade e lealdade familiares frente à cívica¹.

As sociedades do bronze no Egeu, como a micênica e outras anatólicas, obedeciam a um sistema matrilinear. Seguindo tal padrão, vemos que a mitologia nos fornece linhagens de rainhas autóctones, contudo de reis adventícios ou, também presente, de linhagens reais que se alternam no trono. Isso é possível devido à troca entre duas ou mais famílias no poder, como a de Argos². Isso justifica a mobilidade dos heróis gregos e a forte associação identitária à genealogia que as famílias desenvolviam e não à terra, devido ao descompasso entre ambas.

O cultivo da oratória, associada à capacidade de convencer e de comandar³, da força, da inteligência/astúcia, da obtenção de glória e honrarias, da centralidade dos banquetes na socialização e da devida parte de cada um (inclusive divina)⁴ e as funções sagradas dos *basileis*, evocadas em rituais e na arbitragem de disputas, são valores passados pelos épicos.

Os mesmos valores de *xenia*, de piedade e de justiça, de bravura e de glória são reiterados e discutidos em peças trágicas como as de Eurípedes⁵, que mantêm grande sintonia com os poemas oriundos séculos atrás.

Figura 1. Helena e Menelau no Saque de Tróia⁶

Conclusões

Os textos épicos e mitos heroicos gregos não são uma boa base para se estudar a Grécia Micênica. O uso de tais materiais podem evidenciar resquícios dessa época, contudo grande parte do material fornece uma visão da Arcaica. Ainda assim, podemos ver a permanência de alguns valores culturais que perpassam esses séculos, ocupando o palco nos festivais da Atenas Clássica.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq pela bolsa de fomento PIBIC que recebi no decorrer do ano de pesquisa e ao meu orientador Funari que sempre teve paciência comigo e me ajudou quando precisei.

¹ FINLEY, M. I. The world of Odysseus. New York, NY: New York Review Books, c2002.

² FINKELBERG, Margalit. Greeks and pre-Greeks: Aegean prehistory and Greek heroic tradition. Cambridge University Press, 2006.

³ MARTIN, R.P. The language of heroes: speech and performance in the Iliad. Ithaca ; London: Cornell University Press; 1992.

⁴ NAGY, Gregory. The best of the Achaeans: concepts of the Hero in Archaic Greek poetry. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1979.

⁵ EURÍPIDES. Duas tragédias gregas: Hecuba e Troianas. Coautoria de Christian Werner. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.

⁶ ANDERSON, Michael J. Heroes: mortals and myths in ancient Greece. Edição de Sabine Albersmeier. Baltimore, MD; New Haven: Walters Art Museum: Distributed by Yale University Press, c2009, p.207.